

# A LUTA DAS MULHERES NA VISIBILIDADE NA ARQUITETURA E DESIGN DE INTERIORES NO BRASIL, NO SÉCULO XX

Mariana de Moraes Melo<sup>1</sup>  
Marina Medeiros de Mélo<sup>2</sup>

## RESUMO

A pesquisa acerca da produção feminina, em design de interiores e arquitetura, sobretudo nos anos entre 1950 e 1990, no Brasil, revelou um cenário de escassez. Assim, o objetivo deste trabalho reside no resgate dessa produção e, sobretudo, na busca de criar uma forma para ampliar o debate sobre a luta das mulheres em um cenário em que elas são impostas à invisibilidade produtiva. Então, trazemos a homenagem às mulheres como Rosa Kliass, Carmem Portinho e Odiléa Toscano, no intuito de não deixar que sejam “apagadas” da história, essas mulheres que não deixam de ser precursoras da própria arquitetura, design e arte brasileira.

**PALAVRAS-CHAVES:** Invisibilidade. Mulher. Design de Interiores.

## 1. Introdução

A presente pesquisa baseia-se, sobretudo, em uma pesquisa realizada pelas estudantes do curso tecnólogo de Design de Interiores, da Faculdade de Ensino Superior – Esuda, Mariana Melo e Marina Mélo, no ano de 2021. As alunas pretendiam escrever sobre grandes nomes femininos do Design de Interiores no Brasil do século XIX e sua relevância, características e influências no Design Contemporâneo, de modo a iniciar uma série de artigos sobre o tema. Contudo, embora não tenha sido uma surpresa reveladora para as discentes, nada ou quase nada encontraram sobre o tema.

Assim, a pesquisa foi ampliada e levada à análise de que não somente as Designers de Interiores vem sendo ocultadas da história como também as arquitetas e urbanistas. Fato que se choca com o atual e 1º Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo levantado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), no ano de 2020, uma vez que as mulheres arquitetas e urbanistas representam mais de 60% dos profissionais com registro ativo. Ou seja, mesmo sendo hoje a maioria de uma classe sua produção científica e seu devido reconhecimento vêm sendo invisibilizados.

Desse modo, devido à escassez e à forma como a mulher, de uma forma geral, vem sendo relegada no meio científico, tornou-se evidente a problemática de sua luta na visibilidade nos meios profissionais de arquitetura e design de interiores no Brasil no século XX, em especial entre as décadas de 1950 a 1990.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Design de Interiores na Faculdade de Ciências Humanas – Esuda.

<sup>2</sup> Graduanda em Design de Interiores na Faculdade de Ciências Humanas – Esuda.

Este artigo, em um de seus objetivos, busca refletir sobre os acontecimentos que ocultam e invisibilizam a mulher, desde o ingresso à educação, passando por breves questões feministas, até a exaltação de nomes que não podem ser apagados, visando sempre trazê-los à tona para serem protagonistas da história.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1. Histórico da presença feminina na educação e no mercado de trabalho da arquitetura e design de interiores no Brasil.**

É necessário entender como ocorreu a entrada da mulher no mercado de trabalho de arquitetura e design, pois nem sempre – e ainda não é – um universo justo e igualitário. Para tal, faz-se necessário analisar a trajetória do ensino às mulheres até o mercado de trabalho.

Tabosa (2017) relata que até meados do século XVIII as mulheres tinham acesso à educação através de preceptoras em casa, ou em conventos, pois poucas eram as escolas que se dedicavam ao ensino feminino. Apenas na segunda metade do século XIX é que surgem as escolas mistas, com a vinda da família real ao Brasil.

No Brasil, segundo Saffioti, foram os jesuítas que, desenvolvendo sua ação educativa, criaram as primeiras escolas e fundaram os primeiros colégios. A questão é que a atuação dos jesuítas sobre a mulher foi negativa, não oferecendo nenhum instrumento de libertação, ao contrário disso, doutrinando-as a submeterem-se à Igreja e ao marido (1969, SAFFIOTI apud FONTES, 2016, p.51).

A primeira legislação que permitiu à mulher o direito à instrução foi a Constituição de 1827, contudo a elas não era dada a mesma educação que era dada aos homens. Somente com a República de 1889 e a formação do estado laico, surgem oportunidades mais significativas de instrução às mulheres. Segundo Saffioti, (1969 apud FONTES, 2016, p.52) as escolas protestantes, por manterem afinidade com o espírito científico, introduziram a coeducação dos sexos, que permitiram uma menor segregação feminina à educação.

Muito embora, o curso mais antigo de arquitetura date de 1816, sendo a Escola Nacional de Belas no Rio de Janeiro, foi apenas com a aprovação do Decreto nº 23.569/33 que a profissão foi regularizada, ano em que a renomada escola de arquitetura e design, na Alemanha, a Bauhaus, é fechada por perseguições nazistas. Sá (2010) aponta que as

poucas construções no Brasil ocorridas até o final da República influenciaram o surgimento tardio dos cursos de arquitetura.

Historicamente essa entrada feminina no mercado de trabalho brasileiro, se deu sobretudo pelo aumento da demanda de serviços após a Segunda Guerra Mundial. Tabosa (2017) aponta que em decorrência de um expressivo aumento econômico, causando um crescimento acelerado da construção civil, pós Ditadura Militar, além da redução de um rigor construtivo nas edificações, resultaram em uma certa desvalorização da área de arquitetura como referência às obras e engenharia, deixando a arquitetura mais ligada à decoração.

Percebe-se que entre fatores históricos e político-econômicos, muitas são as barreiras a serem atravessadas pela mulher profissional de arquitetura e design de interiores. Como apontam Arroio e Régner (2001), fatores como maternidade e desigualdade de divisão de tarefas domésticas vêm colocando a mulher fora de cargos mais qualificados e mais bem remunerados, além da própria desigualdade remuneratória entre homens e mulheres.

## **2.2. O mito do feminino e o silêncio**

Após a breve contextualização histórica sobre o papel da mulher na sociedade, faz-se necessário trazer à tona o que Fontes chamou de “mecanismos de invisibilidade” da produção da mulher e do seu legado nos campos da arquitetura, da arte e do design (FONTES, 2016, p. 86).

A história, como se sabe, é geralmente contada pela visão dos vencedores. Cabe, aqui, trazer o ponto de vista do oprimido e do vencido. Os traços de uma sociedade patriarcal baseada em princípios de autoridade e poder deixam suas marcas até a atualidade. Por muito tempo reinou a ideologia da submissão da mulher em relação ao homem.

Essa ideia baseou-se no determinismo biológico, amplamente difundido no século XIX e no início do século XX, e atrelava os papéis sociais do homem e da mulher apenas às condições do sexo biológico. Assim, cabia à mulher as funções reprodutiva, do lar e do recato.

Para rebater esse determinismo, foi criado o conceito de gênero de modo a expor a relevância do contexto social nas relações de poder entre homem e mulher.

Em um discurso falocêntrico, o silenciamento da mulher foi realizado por vários mecanismos, tudo em prol da manutenção da hegemonia do masculino. No campo da produção, tanto da arquitetura como do design e da arte, sustentou-se uma lógica tipicamente masculina em que o homem possuía habilidades técnicas focadas em uma racionalidade, da qual a mulher era desprovida. A mulher era identificada com a natureza, o sensível, o irracional e possuía a capacidade de enxergar apenas de forma bidimensional. A criatividade, portanto, “estava identificada com a masculinidade genial dos homens” (BARBOSA, 2019, p. 56).

Essa perspectiva reflete os mitos criados envolta do feminino, o que Friedan e Saffioti (apud FONTES, 2016, p. 113) intitulam de mística feminina. Agindo no plano simbólico, a mística de que o compromisso da mulher é a realização do ser feminino e da sua domesticidade, garante a manutenção do status relação de poder, e impossibilita a ascensão da mulher.

O papel da mulher na atuação profissional e na produção de conhecimento acaba por sofrer vários entraves. O acesso tardio aos estudos, o discurso sobre as capacidades, reduz a atuação da mulher a trabalhos menos qualificados.

No meio acadêmico, inclusive, a estratégia de invisibilidade atua na ideia distorcida de que a mulher não tem a genialidade para invenções científicas. Essa problemática recebeu o nome de “Efeito Matilda”, termo criado por Margaret Rossiter (1993), e expõe

um caráter sexista imposto à produção científica feminina em que pesquisadores masculinos recebem um reconhecimento superior e proeminente, subestimando-as e minimizando as qualificações das mulheres — e como isso implica na distorção da construção da excelência do produto científico (SÁ, 2018, p. 13).

Vista não somente na produção científica, essa prática implicou não apenas no questionamento dos feitos das mulheres, como também a atribuição destes a uma figura masculina. Muitas artistas mulheres no século XX, por exemplo, como pontua Barbosa, apenas conseguiram visibilidade no Brasil, porque “se recusam a serem vistas como artistas mulheres e, portanto, se recusam a reconhecer as diferenças de gênero” (2019, p. 77). Essa postura diz mais sobre a conformação de um estado das coisas, marcado por uma relação de poder, em uma sociedade machista, misógina e patriarcal.

É curioso também expor o fenômeno tão comum da figura da mulher que ficara à sombra de grandes arquitetos ou grandes homens, assumindo a posição de esposa ou subalterna, sendo apagada a sua contribuição relevante no desenvolvimento de projetos.

Para além dessa limitada definição binária, homem e mulher, muito vinculada a um determinismo biológico, a problematização da relação de poder entre gênero é relevante e necessária. Como Barbosa parafraseia Simone de Beauvoir e Eva Hesse “para esquecer que se é mulher, antes de mais nada é necessário ter plena certeza de que se é uma mulher” (2019, p. 79).

Por mais que tenha havido uma evolução, devido ao papel dos movimentos feministas e estudos que trazem à tona a história rechaçada, a posição da mulher na sociedade é ainda marcada pela mística feminina. Por serem mais reconhecidas nas suas capacidades voltadas para o lar, elas conseguiram um lugar na arquitetura doméstica, pela sua propriedade no assunto. Mas o legado vai muito além, porém falta o devido reconhecimento e a colocação dessas mulheres como protagonistas de grandes feitos na arquitetura, arte e design.

### **2.3. Mulheres (IN)Visíveis: histórias apagadas**

A atuação feminina na arquitetura, na arte e no design sempre foi deixada em segundo plano pela história. Com o movimento feminista nas últimas décadas, o cenário começou a ser redefinido a partir de publicações alternativas e exposições dedicadas as obras das mulheres.

No século XX, como já ressaltado, o campo profissional da arquitetura e do design era dominado pelo homem. Em uma sociedade capitalista, os obstáculos para a inserção da mulher nessas áreas eram baseados na lógica do espaço doméstico como sendo-lhe próprio. Assim, de modo a manter a hierarquia das relações de poder, de forma gradativa, as mulheres conseguiram se inserir no mundo das ideias sobre habitação, no formato impresso, sendo o meio mais adequado às suas capacidades femininas. A escrita, portanto, permitiria a conciliação com o trabalho doméstico

No meio impresso, a revista Acrópole teve um papel na visibilidade da mulher no campo da arquitetura moderna no Brasil, seu auge na década de 1950 até seu declínio nos anos 1970.

A figura da arquiteta, Rosa Gena Kliass, nascida em São Paulo acumula a maior quantidade de publicações no periódico, dentre publicações projetuais, desenhos de detalhamentos construtivos.

Em 1956, ela e sua amiga, e posterior colega de trabalho, Miranda Magnoli, foram as únicas mulheres a se formarem naquela turma da USP. Tornou-se pioneira da arquitetura paisagística. À época, o único arquiteto paisagista no Brasil era Roberto Burle Marx, radicado no Rio de Janeiro e atuante em um campo ainda muito pouco explorado no Brasil (PEREIRA, 2017).

Estagiou com Abelardo de Souza, Rino Levi e também com Jorge Wilhelm, com quem desenvolveu diversos projetos de grande porte durante sua carreira: entre eles o Plano Diretor de Angélica (1954), considerado o primeiro plano diretor do Brasil, a proposta para o Plano Piloto de Brasília (1957), o Plano Diretor de Curitiba (1964), Plano urbanístico de Joinville (1965), o projeto vencedor para a revitalização do Vale do Anhangabaú (1970), dentre outros (TABOSA, 2018, p.12).

Na década de 1960 foi convidada pelo então prefeito de São Paulo, Faria Lima, para fazer o projeto do Parque do Morumbi. Também foi corresponsável, junto à Miranda Martinelli, pelo projeto de 44 praças da cidade de São Paulo, sendo esse publicado na Acrópole sob o título de “áreas verdes de recreação” e ganhador do prêmio “Carlos Milan”.

Quanto ao reconhecimento de sua contribuição, Fontes observa, no entanto, o endosso da postura machista da revista Acrópole ao abrir espaço para as mulheres por estarem assinando junto a seus maridos. Rosa Kliass conseguiu uma projeção profissional quando se tratava de projetos paisagísticos, porém, quando se tratava de projetos residenciais, ela o fazia em coautoria com seu marido, Whedemir Kliass. E arremata a autora: “Vale lembrar que os nomes femininos aparecem sempre após o nome masculino” (2016, p. 189).

Hoje, ela, Kliass, recebe o seu merecido reconhecimento pelo seu trabalho no escritório que leva o seu nome: Rosa Grena Kliass - Arquitetura Paisagística, Planejamento e Projetos, cuja trajetória de mais de 50 anos que “se confunde com a própria origem do paisagismo no Brasil” (PEREIRA, 2016).

Idealizadora de tantos projetos pensados como conectores de aspectos sociais e naturais, Rosa Kliass é tida como figura protagonista nos movimentos pela valorização da profissão do arquiteto paisagista e pelo reconhecimento do Paisagismo no Brasil, tendo sido a primeira presidente da Associação Brasileira de Arquitetos e Paisagistas (Abap),

entre 1976 e 1980, conforme o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU/SP).

A produção das mulheres, nesse sentido, foi importante não apenas por fazerem refletir sobre os problemas e propor soluções, como também, preparar o terreno para uma nova geração que adentraria o campo teórico com força e expressão indo além do doméstico.

Na virada do século, embora não seja arquiteta ou designer de interiores, Carmem Portinho foi a terceira mulher engenheira a se graduar, em 1926, em paralelo com a escola de Belas Artes. Na década de 30, fez o primeiro curso de Urbanismo do país, como nos ensina Sá (2018). Já na década de 1950, Carmem, como diretora do Departamento de Habitação Popular, propôs a construção do conjunto residencial ‘Pedregulho’<sup>3</sup>, cujo projeto arquitetônico ficou sob a responsabilidade de seu marido, Afonso Eduardo Reidy. E ainda, assumiu a construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sendo a única mulher em um canteiro de obras de 450 homens, cujo projeto era de Reidy.

Além de ter sido a primeira urbanista titular brasileira, foi também a primeira diretora da ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial. Ademais, militou pelo pelos direitos da mulher como profissional entre as décadas de 20 e 30. Junto com suas companheiras de militância adotavam pequenas iniciativas contra o machismo pujante da época, como o de não adotar o sobrenome do marido.

Assim, muito embora Carmem não tenha sido arquiteta, artista ou designer de interiores, percebe-se que para uma mulher nascida no início do século ela esteve à frente dos direitos femininos. Inclusive, ao ser homenageada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em 1987, ela e entre outras mulheres entregaram ao presidente da Câmara dos Deputados, Ulisses Guimarães, a *Carta das Mulheres aos Constituintes*, que fazia várias reivindicações para as mulheres.

Odiléa Helena Setti Toscano é citada por Tabosa (2017) como uma das arquitetas que pouco se sabe sobre sua produção exclusiva como arquiteta, mas que se pode ser encontrada assinando projetos de paisagismos do seu esposo e sócio João Walter Toscano. É certo, como argumenta Tabosa, que Odiléa destaca-se, sobretudo, como designer e paisagista. No primeiro caso, sua produção com ladrilhos e azulejos; painéis a óleo e artes gráficas é publicada pela revista Acrópole, edição 338, de 1967.

---

<sup>3</sup> Bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro-RJ

A inclusão dos projetos de azulejos e ladrilhos hidráulicos auxiliou o entendimento dessa passagem do papel para o espaço, pois neles a figura ainda constrói-se (sic) de maneira gráfica, mas destina-se ao revestimento de paredes. Os azulejos e ladrilhos mostram ainda, o envolvimento de Odiléa com questões características do movimento moderno na arquitetura [...] GOLDCHIMIT (p.138, 2018).

A maior parte de seu trabalho reside como design gráfico ilustrando diversos livros, revistas e etc. Essa facilidade para o traçado permitiu a Odiléa conciliar a vida profissional com a tarefa materna de criar 4 filhos.

Entre trocas de fraldas e a leveza de seus traços, é que esta mulher se destaca em uma época em que a visibilidade das mulheres é sempre posta de lado como trabalho de menor valor ou sem credibilidade.

### **3. Considerações Finais**

Após o recorte temporal, no século XX, mais precisamente entre os anos 1950 e 1990, pode-se observar que a trajetória da mulher é permeada por uma história de luta.

Diante de uma sociedade machista e patriarcal, marcada pela opressão e reforçada pela mística feminina, a mulher sofreu para ter seu lugar e o devido reconhecimento.

Seja à sombra, ou simplesmente invisível, a mulher teve, e tem, papel na construção da história e, por mais que esta tenha sido apagada, é inegável a relevância da produção feminina no campo da arquitetura e no design de interiores.

Barbosa ao referir-se às contribuições transformadoras das mulheres sugere ser preciso reescrever a História e que, assim, haveria outra narrativa (p.31, 2019). Talvez ela não precise ser reescrita, por fim, e sim, trazida à tona com todas as problemáticas que envolvem anos de violência simbólica e de onipresença da mística feminina.

Há um caráter político desempenhado por grandes nomes da arquitetura, design e arte porque tem o poder de preparar o terreno para novos nomes, reafirmando a potência da representatividade e da força da mulher.

O presente trabalho se propôs a fazer um resgate histórico, como uma ferramenta necessária para dar voz às mulheres silenciadas por todos os mecanismos de invisibilidade utilizados como forma de apagar a sua produção profissional. Abordagens como essa quebram discursos opressores, dão lugar de fala para as mulheres serem protagonistas dos seus próprios feitos.

As mulheres não devem ser silenciadas.

## REFERÊNCIAS

ARROIO, Ana; RÉGNIER, Karla. O novo mundo do trabalho: oportunidades e desafios para o presente. **Boletim Técnico do Senac**, v. 27, n. 2, p. 34-41, 2001.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória. **Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2019.

BRASIL. **Lei 15 de outubro de 1827**. Câmara dos Deputados [1827]. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html). Acesso em 18 de outubro de 2021.

CAU/BR. **1º Diagnóstico de gênero na arquitetura e urbanismo**. Comissão Temporária de Equidade de Gênero, v.01, 2020. Disponível em [https://www.caubr.gov.br/equidade/?page\\_id=382](https://www.caubr.gov.br/equidade/?page_id=382). Acesso em 09 de agosto de 2021.

CAU/SP. **Rosa Kliass, pioneira da Arquitetura paisagística no Brasil**. Disponível em <https://www.causp.gov.br/?p=14950>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

FONTES, Marina Lima de. **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista**. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GOLDCHMIT, Sara Miriam. **Odiléa Setti Toscano: do desenho ao design**. 2008. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PEREIRA, Matheus; PEDROTTI, Gabriel. **"Rosa Kliass: Poeta da paisagem"**. 06 Out 2017. ArchDaily Brasil. Acessado 22 Nov 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/880958/rosa-kliass-poeta-da-paisagem>. ISSN 0719-8906. Acesso em 22 de novembro de 2021.

PORTINHO, CARMEM. Em: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmen\\_Portinho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Carmen_Portinho). Acesso em 04 de novembro de 2021.

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SÁ, Gabriela R de.; **Mulheres na História do design no Brasil: 1930 - 1979**. 2018. Monografia (Bacharelado em Design Programação Visual) Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TABOSA, Mayara. A presença das mulheres na construção da modernidade no Brasil: uma narrativa a ser ampliada. **Revista FÓRUM PATRIMÔNIO: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, v. 9, n. 1, 2018.

TOSCANO, Odiléa Helena Setti. Acervo digital. Disponível em:  
<https://www.odileatoscano.com.br/artista>. Acesso em: 03 de novembro de 2021.